

Rubem
Braga

Bilhete a um candidato

• Esta crônica foi escrita há dois anos, em outubro de 1958 — mas acho que, transpondo alguns detalhes e circunstâncias, servirá muito para fazer consolar vários de meus amigos que não conseguiram se eleger em 1960...

“**O**LHE aqui, Rubem. Para ser eleito vereador, eu preciso de 3 mil votos. Só lá no Jóquei, entre tratadores, jóqueis, empregados e sócios eu tenho, no mínimo mesmo, 300 votos certos; vamos botar mais 100 na Hípica. Bem, 400. Pessoal de meu clube, o Botafogo, calculando com o máximo de pessimismo, 600. Ai já estão mil.

Entre colegas de turma e de repartição contei, seguros, 200; vamos dizer, 100. Naquela fábrica da Gávea, você sabe, eu estou com tudo na mão, porque tenho apoio por baixo e por cima, inclusive dos comunas: pelo menos 800 votos certos, mas vamos dizer, 400. Já são 1.500.

Em Vila Isabel minha sogra é uma potência, porque essas coisas de igreja e caridade tudo lá é com ela. Quer saber de uma coisa? Só na Vila eu já tenho a eleição garantida, mas vamos botar: 500. Ai já estão, contando miseravelmente, mas mi-se-rà-vel-men-te, 2 mil! Agora você imagine: o Tuzinho do Méier! Sabe que êle é o médico dos pobres, é um sujeito que se quisesse entrar na política acabava senador só com votos da Zona Norte; e é todo meu, batata, cem por cento, vai me dar pelo menos 1.000 votos. Você veja, poxa, que eu estou eleito sem contar mais nada, sem falar no pessoal do Cais do Pôrto, nem postalistas, nem professoras primárias, que só ai, só de professoras vai ser um chuá, você sabe que minha mãe e minha tia são diretoras de Grupo. Agora bote “chauffeurs”, “garçons”, a turma do clube de xadrez e a colônia pernambucana, sabe que meu velho é pernambucano, e sabe pernambucano como é que é!

E o Centro Filatelista? Já lhe disseram quantos filatelistas há só no Rio de Janeiro? Mais de 4 mil! E nesse setor nem tem graça, o papai aqui está sozinho! É como diz o Gonçalves: sou o candidato do ôlho-de-boi!

E fora disso, quanta coisa! Diretor de centro

espírita tenho dois. E o eleitorado independente? E não falei no meu bairro, poxa, não falei de Copacabana, você precisava ver como é lá em casa, o telefone não pára de tocar, todo mundo pedindo cédula, até sujeitos que eu não vejo há mais de dez anos. E a turma da Equitativa? O Fernandão garante que só lá tenho pelo menos 300 votos. E o Resseguro, e o reduto do Goulart em Maria da Graça, o pessoal do Forum... Olhe, meu filho, estou convencido de que fiz uma grande besteira: eu devia ter saído era para deputado!”

* * *

Passei uma semana sem ver o meu amigo candidato; no dia 30 de setembro, três dias antes das eleições, esbarrei com êle na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, todo vibrante, cercado de amigos; deu-me um abraço formidável e me apresentou ao pessoal: “Êste aqui é meu, de cabresto!”

Atulhou-me de cédulas.

* * *

“Meu caro candidato:

Você deve ter notado que na 122.^a Seção da Quinta Zona, onde votei, você não teve nenhum voto. Palavra de honra que eu ia votar em você; levei sua cédula no bolso. Mas você estava tão garantido que preferi ajudar outro amigo com o meu votinho. Foi o diabo. Tenho a impressão de que os outros eleitores pensaram a mesma coisa, e nessa marcha da apuração, se você chegar a 300 votos ainda pode se consolar, que muitos outros terão muito menos que isso. Aliás, quem também estava lá e votou logo depois de mim foi o Gonçalves, dos selos.

Sabe uma coisa? Acho que êsse negócio de voto secreto no fundo é uma indecência, só serve para ensinar o eleitor a mentir; a eleição é uma grande farsa, pois se o cidadão não pode assumir a responsabilidade de seu próprio voto, de sua opinião pessoal, que porcaria de República é esta?

Vou lhe dizer uma coisa com tôda a franqueza: Foi melhor assim. Melhor para você. Essa nossa Câmara Municipal não era mesmo lugar para um sujeito decente como você! É superdesmoralizada! Pense um pouco e me dará razão. Seu, de cabresto, o
Rubem.”